

SENTIR-PENSAR-AMAR: SEMBLANTES DO FEMININO EM FLORBELA ESPANCA

FELL-THINK-LOVE: FACES OF THE FEMININE IN FLORBELA ESPANCA

Larissa Karen Gomes Almeidaⁱ

Regina Vitória Lira Cavalcanteⁱⁱ

Hermano de França Rodriguesⁱⁱⁱ

Resumo: Florbela Espanca, uma das mais notáveis poetisas da literatura portuguesa, emergiu como uma voz singular e proeminente no panorama cultural e literário no início do século XX, trazendo à tona questões intrinsecamente ligadas ao feminino. Este artigo busca explorar a importância de Florbela Espanca na literatura, não apenas como uma figura histórica, mas também como uma fonte de inspiração e reflexão para as interconexões entre o sentir, o pensar e o amar, que se revelam de forma vívida em suas composições. Nessa perspectiva, pretende-se analisar a relevância contínua da poesia de Florbela para as discussões contemporâneas sobre o feminino, evidenciando como suas contribuições ecoam ainda hoje, inspirando novas gerações a reivindicarem sua voz e seu espaço na sociedade. A metodologia adotada decorre de estudos bibliográficos, ancorando-se nos autores: Junqueira (2003, 2022); Dal Farra, Leite e Silva (2023); Birman (1999) e Branco (1991). O trabalho desenvolve-se por meio de três momentos-chave: o primeiro apresenta a vida e a obra de Espanca; o segundo momento constitui-se na fase das relações entre contextos histórico-culturais; e o terceiro e último, discute como a poeta e sua escrita ressoam de forma atemporal na literatura.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Literatura Portuguesa; feminino; poesia.

Abstract: *Florbela Espanca, one of the most remarkable poets in the Portuguese literature, emerged as a singular and prominent voice in the cultural and literary spheres at the beginning of the 20th century, bringing to light issues intrinsically linked to the feminine. This article seeks to explore the importance of Florbela in literature, not only as a historical figure, but also as a source of inspiration and reflection on the interconnections between feeling, thinking and loving, which are vividly revealed in her compositions. From this perspective, we intend to analyze the continued relevance of Florbela's poetry for contemporary discussions on the feminine, highlighting how her contributions still resonate today, inspiring new generations to claim their voice and their place in society. The methodology adopted derives from bibliographical studies, anchored in the authors: Junqueira (2003, 2022); Dal Farra, Leite and Silva (2023); Birman (1999) and Branco (1991). The work develops through three key moments: the first presents the life and work of Espanca; the second moment congregates the phase of relations between historical-cultural contexts; and the third and last, discusses how the poet and her writing resonate in a timeless way in literature.*

Keywords: *Florbela Espanca; Portuguese Literature; feminine; poetry.*

Submetido em: 27.11.2024

Aceito para publicação em: 05.12.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ⁱ Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista CNPq e membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB). *E-mail:* larissa.karen@academico.ufpb.br.

ⁱⁱ Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista CNPq e membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB). *E-mail:* regina.lira@academico.ufpb.br.

ⁱⁱⁱ Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literatura do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (CCHLA-UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB). *E-mail:* hermanorgs@gmail.com.

Sentiu – ao ser a >> coisa mais magoada das que o são <<, ao passar para o papel os espasmos doloridos da sua alma, numa forma sentir que se tornara pensar, continuando, ainda assim, a ser sentimento. Deste modo, Florbela cria-transmite na sua obra a trilogia SENTIR-PENSAR-AMAR que lhe dá o seu carácter perene e universal.

Maria Ester Torres

[In *FLORBELA ESPANCA SONETOS*. 4ª ed. Abril, 1995]

1 INTRODUÇÃO

Florbela Espanca, musa de emoções transbordantes, figura emblemática das letras lusófonas, ergueu-se no cenário literário do início do século XX como uma estrela de brilho único. Em suas palavras, reverbera a luta constante pela afirmação de uma identidade feminina rica em nuances, em um mundo onde a voz das mulheres era, muitas vezes, abafada pelos ecos de uma sociedade patriarcal. Sua poesia, um espelho das profundezas da alma, oferece um vislumbre íntimo da jornada de ser mulher em tempos de repressão e silenciamento. Adentrar no universo literário de Florbela Espanca é como mergulhar nas profundezas de um oceano onde cada verso brilha com a intensidade das emoções humanas. Neste artigo, exploramos a vasta tapeçaria lírica tecida pela poeta, na qual o amor, a dor e a incessante busca pela identidade feminina se entrelaçam em uma dança eterna.

Espanca, com sua voz singular e profundamente comovente, nos convida a um encontro íntimo com sua alma feminina. Seus poemas oferecem uma experiência sensorial e reflexiva que transcende o tempo. Em cada palavra, o pulsar de um coração que desafia as normas impostas por uma sociedade conservadora, encontra beleza e força na vulnerabilidade. A poeta guia seus apreciadores por um caminho onde o amor se manifesta em todas as suas formas – um amor avassalador, que consome e transforma. Em sua escrita, a poetisa eleita não apenas narra, mas vive e revive cada emoção, cada desejo, cada dor. Seus versos são um espelho no qual se refletem as lutas e as paixões das convivas de sua época, e ainda hoje, ecoam com uma ressonância atemporal. A voz de Florbela se ergue como um grito de liberdade, uma celebração da identidade feminina em sua plenitude. Subverte as expectativas sociais, tecendo com suas palavras uma narrativa de resistência e resiliência.

Nesse percurso, não apenas brindamos Florbela Espanca, mas também enaltecemos o diálogo contemporâneo sobre a representação do ser mulher na literatura. Seus poemas, repletos de uma intensidade visceral, continuam a inspirar e desafiar, refletindo questões, que ainda hoje, ressoam na construção da feminilidade. O objetivo é desfiar o fio condutor que liga o sentir, o pensar e o amar em sua poesia; captar as nuances que tecem os semblantes

femininos em seus versos, compreender as dores e as delícias de uma alma que se recusa a ser contida. Propomos uma viagem por três momentos cruciais: a biografia e a obra da poeta, os contextos histórico-culturais que moldaram sua escrita e a ressonância atemporal de sua voz na literatura contemporânea.

Guiados pelas palavras de críticos e estudiosos, navegamos pelas águas turbulentas e belas da produção literária de Espanca. A obra de Renata Soares Junqueira, *Sob os sortilégios de Circe: ensaio sobre as máscaras poéticas de Florbela Espanca*, serve como farol, iluminando as sombras e revelando as máscaras que a poeta utilizou para expressar suas verdades. Textos como: *Florbela Espanca: uma estética da teatralidade*, também de Junqueira, e o *Dicionário de Florbela Espanca*, de Maria Lúcia Dal Farra, Jonas Leite e Fábio Mário da Silva, bem como *Cartografias do feminino*, de Joel Birman, e *O que é escrita feminina*, de Lúcia Castello Branco, nos oferecem a bússola para entender a encruzilhada de influências que moldaram sua obra.

Este estudo é uma ode ao eterno feminino, uma celebração da força e vulnerabilidade que Florbela, tão magistralmente, capturou em sua poesia. Ao revisitar seus versos, é essencial não só compreender o contexto em que foram escritos, mas também destacar sua importância para os dias de hoje. Em um mundo que ainda luta por igualdade e reconhecimento, a voz florbeliana ressoa como um chamado à liberdade e à expressão plena da alma. Ao penetrar em seu universo, cada leitor se vê imerso na beleza e na profundidade de seus versos, encontrando neles uma fonte perene de inspiração e contemplação. A poesia revela seu poder transformador e incita a contínua busca pela compreensão da essência humana, em que o amor se apresenta simultaneamente como um sentimento universal e singular, incessante e fugaz.

2 CÂNTICOS DE FLORBELA ESPANCA: A VOZ POÉTICA DO FEMININO

2.1 ALMA DESNUDA: A VIDA POÉTICA DE UMA ETERNA SONHADORA

Florbela Espanca, filha da charneca erma e selvagem, nasceu em Alentejo, Portugal, onde viveu as mais cruéis agruras, transformando-as em poesia profunda e visceral. Suas produções transmitem significativa carga emocional, alinhando todo esse sentimentalismo com o desejo e a busca de ser feliz e amada. Entre as décadas de 1940 e 1950 havia uma certa repulsa da sociedade conservadora envolvendo a vida e a obra de Florbela, haja vista que,

embora seja necessário distinguir a autora de seu eu lírico, por vezes, Florbela transformou-se, na vida real, em hermeneuta de seus próprios versos poéticos.

Florbela d'Alma da Conceição Espanca. Esse era seu nome. Fruto da relação entre João Maria Espanca e Antónia da Conceição Lobo – uma mulher que trabalhava na casa do fotógrafo e de sua esposa, que por sua vez não podia gerar filhos. A poeta foi criada por seu pai e pela consorte dele, Mariana do Carmo Inglesa Espanca; e mesmo com todo conforto proporcionado, Florbela ainda era assombrada pelo angustioso fato de que, legalmente, João Maria não a reconhecia como filha. Florbela também tinha um irmão, Apeles, também filho de João Maria e Antónia.

Sua vida foi turbulenta. Casou-se três vezes, sofreu alguns abortos e foi marcada profundamente pela morte do irmão. Além disso, seus companheiros a tratavam com violência. Florbela nunca desistiu do que lhe movera – a poesia – e, por ela ter se tornado uma das primeiras mulheres feministas de Portugal, isso, de certa maneira, afrontava a condição masculina, uma vez que as mulheres em seu tempo deveriam estar abaixo dos homens no até então corpo social conservador. Entretanto, Florbela, de modo algum, aceitou viver sob as condições de uma mulher comum, seguindo regras e imposições incabíveis para ela. Desse modo, buscava, incansavelmente, destacar-se em meio ao protagonismo masculino.

Cursou Letras e Direito, foi professora, tradutora e tornou-se escritora, já demonstrando como fora uma mulher à frente de seu tempo. Dedicava grande parte de seu tempo para a produção de seus sonetos, contos e outros tipos de textos literários, ansiando ser reconhecida por sua maestria. Porém, ainda que suas obras tivessem sido publicadas por grandes e ilustres nomes intelectuais, seu nome não fora reconhecido, pois naquela época a crítica não tolerava que mulheres se sobressaíssem em meio às produções poéticas.

Quando Florbela ainda era apenas uma colaboradora de alguns jornais, Augustina Bessa-Luís nota a insatisfação da poeta diante das críticas e expressa:

[...] a colaboração [de Florbela] nos jornais é recebida com a melíflua conspiração que saúda as mediocridades com alívio e nos talentos espera mediocridades. Chamam-lhe “*novel poetisa Exma. Sra. D. Florbela Espanca*”, informam que seus escritos são primorosos, que possui trabalhos que têm sido alvo de vários encômios. Isto basta para a marcar com a humilhação que nos poetas toma o nome de desgraça (Bessa-Luís, 1979, p. 61 *apud* Junqueira, 2022, p. 44).

Póstumo à sua morte, foi sugerida a instalação do monumento do busto de Florbela Espanca no Jardim Público da cidade de Évora, como homenagem ao seu legado. Diante disso, mulheres renomadas como Laura Chaves, Fernanda de Castro e Tereza Leitão de

Barros manifestaram seu apoio à ideia. Contudo, a cúria de Évora contestou que essa proposta virasse uma realidade. A Igreja demonstrou grande insatisfação com a ideia, visto que alguns dos sonetos de Florbela possuem um teor erótico e pessimista, o que divergia totalmente do caráter conservador da localidade.

Em contrapartida, com a morte de Espanca e a maior visibilidade de seu nome, ficaram mais evidentes a presença da boa crítica acerca de sua vida e obra, e a inconformidade de alguns escritores e admiradores da obra da poeta em relação à, ainda, pouca admissão do mérito de Florbela sobre tudo que foi e produziu em vida. “Eu revolto-me contra essa injustiça, contra esse silêncio criminoso, contra essa morte depois da morte, e afirmo, por ordem da minha consciência e da minha sensibilidade: Florbela Espanca é uma das maiores poetisas portuguesas do nosso tempo” (Ferro, 1931).

Maria Lúcia Dal Farra (1999) também descreve a sua inquietação sobre a falta de oportunidade de Florbela em desfrutar plenamente de seu talento, quando não foi reconhecida em vida.

Ignorada por completo pela crítica e pelo público leitor, sua obra havia sido vagamente saudada na altura, pelos comentaristas de plantão, como uma das mais abundantes e inexpressivas flores do galante ramalhete de poetisas de salão. [...]. Deveras, o Correio da Manhã parabenizava alegremente através de Florbela, o contingente de poetisas que cresce dia-a-dia, aclamando-as e considerando-as sempre, bem-vindas quando, como esta, saiba versejar (Dal Farra, 1999, p. 9 *apud* Silva, 2015, p. 9-10).

A Flor Bela tornou-se inspiração e deu voz aos desejos e sentimentos de tantas outras mulheres que tiveram o privilégio de ter contato com sua obra, mostrando-lhes que poderiam se tornar mais do que a sociedade lhes impunha.

2.2 A ECLOSÃO POÉTICA E A ALMA FEMININA NO CREPÚSCULO DO CONSERVADORISMO

Para compreender a escrita de Florbela Espanca, é importante considerar os aspectos sociais, culturais e literários que influenciaram sua obra. Portugal, no início do século XX, era uma nação em transição, caracterizada por turbulências políticas, governos instáveis, revoltas e crises econômicas. A condição da mulher portuguesa da época era profundamente patriarcal e conservadora, influenciada por normas tradicionais e valores cristãos que relegavam as mulheres a papéis domésticos, com pouco acesso à educação e aos direitos civis.

É nesse panorama que Florbela Espanca surge como uma pioneira na representação poética do feminino na literatura portuguesa, em um momento em que a marginalização e o silenciamento das mulheres eram comuns, e a escrita feminina enfrentava os preconceitos de sua época, ainda mais, por grande parte da sua vida, Florbela estar confinada em regiões interioranas do Alentejo. O contexto feminino desse período representou um entrave no reconhecimento da poeta, que teve de enfrentar uma área dominada por figuras masculinas e suas concepções.

O início do século XX na literatura portuguesa foi marcado pela transição do Romantismo para o Modernismo. Enquanto o Romantismo valorizava a expressão emocional e a subjetividade, o Modernismo buscava a inovação e a ruptura com as tradições literárias. Espanca, embora muitas vezes associada ao Romantismo pela intensidade emocional de sua poesia, também incorporava em sua escrita elementos característicos que ressoavam com o estilo modernista. Entretanto, sua lírica foi renegada perante os convivas de seu tempo, sendo deixada de lado na 1ª fase do Modernismo, ficando de fora da geração Orpheu e, posteriormente, na 2ª fase, conhecida como geração “Presença”. Sobre isso, a escritora Renata Soares Junqueira indaga:

Mas terá sido o provincianismo, de fato, o único fator determinante da marginalidade de Florbela Espanca? Não terão os seus contemporâneos letrados negligenciado a sua obra e apoucado a sua presença simplesmente porque julgaram, de antemão, que ela fosse apenas mais uma das inúmeras burguesinhas que, no Portugal de então, ‘bordavam’ sonetos como quem borda uma toalha de mesa? Não terão os homens daquele tempo, quer fossem discípulos de Teixeira de Pascoais ou colaboradores de Orpheu ou da Presença, incluído precipitadamente Florbela Espanca no rol daquelas autoras que, nas palavras de António Ferro, eram as “poetisas da colmeia, [...] cigarras do nosso lirismo inofensivo, de ‘palcos e salas’...”? (Junqueira, 2022, p. 28).

No entanto, apesar dessa marginalização, o estilo único de Espanca revela uma complexidade que a relaciona com movimentos literários contemporâneos de forma sutil. Ainda que Florbela não tivesse aderido a nenhuma corrente literária (Junqueira, 2022, p. 27), a estética da teatralidade, ou seja, o mundo das máscaras que a autora utilizava para se projetar diante da realidade, acabou constituindo uma relação entre Espanca e os modernistas portugueses, cujas obras são produtos de um mesmo contexto sociocultural (Junqueira, 2003, p. 19).

Mesmo sua obra sendo caracterizada por uma profunda introspecção, explorando temas como a identidade feminina, o amor, a solidão e o erotismo, desafiando as convenções sociais de seu tempo ao cantar seus desejos e emoções de maneira aberta e visceral, de forma

que, até hoje, sua lírica seja reconhecida por essas características, sua linguagem não foi captada, como bem reconheceu mais tarde Sena (1947, p. 31): “Não há dúvida de que esta linguagem [a de Florbela] não era audível no seu tempo. Esta originalidade profunda escapava aos literatos do verso, que, naturalmente, só veriam o preciosismo formal com que Florbela os imitava”.

Já nos primeiros anos de sua carreira, Florbela escreveu poemas que refletiam uma intensa carga emocional e uma profunda sensualidade. Poemas como *Amar!*, do *Livro de Mágoas*, revelam uma paixão ardente e uma expressão visceral das emoções. Em obras subsequentes, como no *Livro de Sórora Saudade*, Florbela explora temas de introspecção e busca pela identidade. Na fase mais madura de sua carreira, exemplificada por *Charneca em Flor*, Florbela atinge uma profundidade poética mais ampla. Mesmo em seus poemas póstumos, Espanca continua a explorar temas de erotismo e sensualidade. Esses poemas mostram uma complexidade crescente na maneira como são abordados o desejo e a identidade feminina.

Sua obra não só reflete a intensidade emocional e a profundidade introspectiva de sua época, mas também desafia e transcende as normas sociais de um Portugal patriarcal e conservador. Ao analisar sua poesia, é possível compreender melhor a evolução de seus temas e a relevância contínua de sua obra nas discussões contemporâneas sobre o feminino e a experiência humana. Até hoje, postumamente, a poeta é considerada um símbolo do feminismo, ultrapassando a barreira de seu tempo e dando voz aos sentimentos das mulheres modernas.

No excerto do poema *Eu*, de sua autoria, destaca: “Sou talvez a visão que Alguém sonhou / Alguém que veio ao mundo pra me ver / E que nunca na vida me encontrou!” (Espanca, 2015, p. 16), que ressoa profundamente com as temáticas exploradas em sua lírica. Espanca, conhecida por sua intensa abordagem da solidão, pela busca por identidade e pela incompreensão por parte dos outros em sua poesia, expressa, através desses versos, uma sensação de desconexão e alienação do mundo ao seu redor. A interpretação desse trecho revela uma profunda reflexão sobre o lugar do indivíduo, sugerindo uma existência marcada pela ausência de reconhecimento e compreensão. A ideia de ser uma visão concebida por alguém, mas nunca encontrada na vida, evoca uma sensação de desajuste e marginalização, característica presente em muitos dos “eus” líricos florbelianos. Essa desconexão entre o eu interior e o mundo exterior, tão habilmente transmitida em sua poesia, ecoa na análise crítica de Junqueira (2022), que aponta para a negligência dirigida à obra da autora e a falta do devido reconhecimento de sua voz na cena literária do seu tempo.

2.3 OS ECOS POÉTICOS NAS MÁSCARAS FLORBELIANAS

2.3.1 AMAR!

O poema *Amar!* segue uma linha bastante recorrente da obra de Florbela: o amor. Nesse poema em específico, trata-se de um desejo por amar sem amarras, limites ou medos. Em seus primeiros versos, o eu lírico demonstra o desejo de amar perdidamente e amar só por amar, deixando claro o fato de ser livre e à frente de seu tempo. Em contrapartida, de uma forma bem contraditória, Florbela nos transcreve quase que uma necessidade vital pelo amor. O eu lírico quer amar de forma total e sem restrições, demonstrando um desejo ardente de viver o amor em todas as suas formas, numa celebração da vida e da paixão. Esse sentimento voraz, caracterizado pelo donjuanismo¹, é visto como algo que não pode durar para sempre; é mutável e deve ser celebrado enquanto dura. Esse amor é quase universal, abrangendo tudo e todos, mas também, paradoxalmente, sem se fixar em ninguém. A expressão “Amar! Amar! E não amar ninguém!” mostra a complexidade do sentimento, no qual o desejo de amor é acompanhado por uma impossibilidade ou falta de foco em um único objeto de amor. Essa ambiguidade ecoa na figura de Carmen², conforme descrita por Joel Birman, refletindo o conceito de amor no poema de Florbela:

Por isso mesmo, a declinação do verbo amar implica sempre dizer que esse sentir é o desdobramento de algo que é mais forte do que ela, que a transborda e açambarca o seu ser. Justamente porque ela é tomada pela imanência vital do tesão, após a batalha sem tréguas empreendida contra si mesma, o que existe de trágico no erotismo é permeado pela leveza do inevitável (Birman, 1999, p. 73).

Apesar da necessidade de distanciamento entre eu lírico e autor, bem como entre criador e criatura, o livro *Charneca em Flor* é amplamente considerado como a publicação que mais se aproxima da biografia conhecida da poeta, retratando sua fase mais delicada.

¹ O Donjuanismo é um termo utilizado na Psicologia e na Literatura para descrever um comportamento caracterizado pela busca incessante de conquistas amorosas e sexuais, geralmente sem estabelecer vínculos afetivos profundos. Don Juan, nome primitivo do qual derivou-se o termo, é um personagem arquetípico da literatura espanhola, que apareceu pela primeira vez na obra *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra*, de Tirso de Molina, no século XVII.

² Carmen é uma personagem fictícia e protagonista da ópera homônima de Georges Bizet, estreada em 1875. Ambientada em Sevilha, Espanha, a trama narra a história de Carmen, uma cigana sedutora e independente que trabalha em uma fábrica de tabaco. A ópera é conhecida por suas melodias marcantes e pela representação de temas como a liberdade, a paixão e o destino.

a poetisa de Charneca em Flor se cansa facilmente de todos os que visitam a sua “torre” (“Eu quero amar, amar perdidamente! / Amar só por amar: Aqui... além... / Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente... / Amar! Amar! E não amar ninguém!”). Do paradoxo de “amar perdidamente” e “não amar ninguém” nasce, também aqui, o páthos que ela gosta de exhibir ao leitor: a tragédia de estar, como Circe e todas as feiticeiras, condenada à solidão, à posição intermediária de quem não é como os mortais comuns [...] (Junqueira, 2022, p. 130).

Grande parte do sofrimento de seu eu lírico está atrelado à ideia de que seus amados não correspondem ao sentimento intenso e voraz que carrega consigo, e o poema nos mostra como a escritora acabou por mudar sua concepção desse sentimento; a transformação de alguém com tanta sede de amor aprendendo a tratá-lo com tanto desapego. Essa evolução na visão da escritora sobre o amor reflete o processo descrito por Lúcia Castello Branco:

Qualquer texto de memória, do mais comportado ao mais revolucionário, termina por descortinar seus próprios limites, mostrando o quanto de vazio (de esquecimento) há nesse passado que se procura resgatar, o quanto de invenção (de ficção) há nessa lembrança do vivido, o quanto de construção (de futuro) há nesse projeto de retorno ao antes (Branco, 1991, p. 34).

Nos versos seguintes, a poeta destaca: “Recordar? Esquecer? Indiferente!... Prender ou desprender? É mal? É bem? Quem disser que se pode amar alguém durante a vida inteira é porque mente!” (Espanca, 2015, p. 111), e isso nos mostra, assim, toda sua descrença em um amor que perdure uma vida inteira.

De matrimônio estabelecido, não é surpresa que Florbela não fosse a esposa subserviente. Dona de um temperamento forte, só fazia o que lhe agradava, principalmente escrever. Tal afirmação ganha força nas palavras do escritor brasileiro Fábio Mário da Silva, em sua obra *Da metacrítica à psicanálise*: “Ela era incapaz de viver submissa a um homem, por mais que o amasse. Não aceitava que o amor fosse o confinamento da mulher. E, mesmo casada, sempre lutou para publicar seus versos, atividade condenada por seus maridos” (Silva, 2008).

O semblante da Monja³ se faz presente em sonetos do livro *Charneca em Flor*. Desse modo,

Se, como dissemos, cada livro de sonetos remete sempre, mais ou menos explicitamente, ao contexto do livro imediatamente anterior - Reliquiae evoca algo de Charneca em Flor, que evoca algo do Livro de Sórora Saudade, que evoca algo do

³ O arquétipo da Monja na obra de Florbela Espanca simboliza a busca por um ideal de pureza, renúncia e devoção espiritual. A poeta, frequentemente, explora esse arquétipo para expressar sentimentos de solidão, sacrifício e uma profunda aspiração por transcendência. Em seus poemas, a figura da Monja serve como um espelho da própria luta interna de Florbela, refletindo tanto seu anseio por um amor idealizado quanto sua entrega ao sofrimento e à introspecção.

Livro de Mágoas -, então é logicamente admissível que a Princesa Encantada⁴ do Livro de Mágoas apareça também em alguns sonetos do Livro de Sórora Saudade, e que a Monja deste segundo livro se faça notar de algum modo em Charneca em Flor, e assim por diante (Junqueira, 2022, p. 74).

Portanto, pode-se dizer que, assim como a Monja de *Sórora Saudade*, em *Charneca em Flor*, mais especificamente em *Amar!*, enclausura-se de forma voluntária, pois está decepcionada com os amores que passaram por sua vida.

Uma análise igualmente interessante a se fazer é a conexão entre os poemas *Ódio?*, do Livro de Sórora Saudade, e *Amar!*, de *Charneca em Flor*. A indagação *Ódio?* é seguida por uma resposta afirmativa em seu próximo livro, expressa pelo poema *Amar!*. Em *Ódio?*, Florbela aborda a complexidade das emoções após uma desilusão amorosa. O eu lírico escolhe não odiar o amado, reconhecendo que o ódio seria apenas um prolongamento do amor e da saudade. Em vez disso, opta por um distanciamento sereno, aceitando a dor e a perda com maturidade. Os poemas *Amar!* e *Ódio?*, de Espanca, oferecem um contraste entre a celebração da capacidade de amar e a maturidade emocional ao lidar com a desilusão. Enquanto *Amar!* exalta a intensidade e a efemeridade do amor, *Ódio?* mostra uma aceitação serena da perda e uma recusa em transformar essa dor em desamor. Ambos os poemas revelam a profundidade emocional e a complexidade dos sentimentos do eu lírico. Birman, sobre essa perspectiva, afirma que:

[...] a leveza que acompanha inequivocamente o reconhecimento das impossibilidades presentes dos encontros eróticos é a resultante do que existe de trágico neles, nos quais a sabedoria pode enunciar-se sob a forma de desistir para sempre do drama (Birman, 1999, p. 73).

Além da reflexão de Birman sobre a leveza e a sabedoria encontradas na aceitação dos desencontros amorosos, os poemas de Espanca revelam não apenas os meandros das emoções individuais, mas também lançam luz sobre as profundezas universais da condição humana. Ao elevar-se acima do impulso ao ódio, o eu lírico não apenas expõe uma escolha pessoal, mas também oferece uma visão ampla sobre a essência das relações humanas. Assim, os poemas florbelianos não são meramente narrativas individuais de amor e desilusão; eles convidam os leitores a esse “mergulho” em questões mais profundas sobre a natureza do sofrimento e da redenção emocional. Portanto, a análise dos poemas *Ódio?* e *Amar!* sublinha a importância da aceitação e da sabedoria frente às inevitabilidades trágicas das relações interpessoais, enriquecendo a compreensão da obra.

⁴ Assim como a Monja, a Princesa Encantada também é um dos arquétipos da poesia florbeliana.

2.3.2 FANATISMO

Partindo do pressuposto de que o título de uma obra diz muito sobre ela, o termo “fanatismo” faz referência a um eu lírico obcecado pela pessoa amada, que mantém uma admiração excessiva em relação à outra pessoa. É exatamente o que trata a obra. Em seu primeiro verso, o eu poético declama: “Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida”. É como se o seu viver fosse sonhar com a pessoa amada, e por não tê-la ainda não encontrou sua verdadeira essência, o seu verdadeiro “eu”. Há uma necessidade de possuir a pessoa que se ama para que haja sentido em sua vida. Em seguida, o eu lírico, de voz feminina, expressa a intensidade de sua admiração pelo seu amado. Enfatiza isso no trecho: “Meus olhos andam cegos de te ver” (Espanca, 2015, p. 52); ou seja, essa mulher vive sua vida focada apenas em observá-lo, em desejá-lo. “Pois tu és já toda a minha vida” – O ser amado possui tamanho poder sobre os sentimentos desse eu poético que já se tornou a razão de seu viver; portanto, sua vida só fará sentido se o tiver.

Sigmund Freud (1914), no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, fala sobre duas formas de escolha de objeto amoroso: narcísica e analítica ou de ligação. Na forma narcísica, ama-se o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser ou o que é tomado como parte de si mesmo. Na forma analítica, ama-se a mulher que alimenta ou o homem que protege. Nesse caso, o eu lírico utiliza-se da forma analítica para expressar os seus sentimentos através dos versos desse soneto.

No segundo quarteto inteiro, bem como em uma de suas passagens – “A mesma história tantas vezes lidas” – é possível perceber que esse eu poético apaixonado sempre volta em suas lembranças para que não tenha nenhum risco de esquecer a pessoa pela qual nutre tamanho amor. Já no último terceto, é notória a comparação feita entre seu amado e o divino. O eu lírico, da mesma forma que sente fascínio por essa pessoa, também sente medo; medo de que haja um fim. Análogo a isso, vale destacar um acontecimento histórico no âmbito religioso, no qual o profeta Maomé⁵ recebeu uma visão divina com a aparição do anjo Gabriel, que lhe entregava o Alcorão⁶. O profeta mostrou-se temeroso, porém fascinado com

⁵ Maomé, ou Muhammad, foi o profeta que recebeu a mensagem de Alá, dando início a pregações que resultaram no surgimento do islamismo, no século VII. É considerado pelos muçulmanos o último profeta enviado por Deus (Alá). Nascido em Meca, na atual Arábia Saudita, por volta de 570 d.C., Maomé começou a receber revelações divinas, que foram posteriormente compiladas no Alcorão. Maomé unificou tribos árabes sob a nova fé e estabeleceu uma comunidade religiosa e política.

⁶ O Alcorão é o livro sagrado do islamismo, acatado pela comunidade muçulmana como a revelação literal de Deus (Alá) transmitida ao profeta Maomé. Escrito em árabe, o Alcorão é composto por 114 capítulos, chamados suras, que abordam diversos temas, incluindo teologia, moralidade, legislação, orientação pessoal e social. O

a missão que lhe foi designada. Partindo-se desse viés, é possível notar que essa mulher não só o considera como alguém inalcançável, superior, mas o considera também como o Deus, o ser supremo de sua vida.

A Monja de Florbela é uma freira chamada Saudade, a qual expressa em seus poemas a melancolia de não ter os seus sentimentos correspondidos pelo ser amado, mas em alguns instantes sai de seu recato de monja e não pensa em mais nada a não ser no seu bem-amado (Junqueira, 2022, p. 112), como nos trechos: Não vejo nada assim enlouquecida... / Passo no mundo, meu amor, a ler / No misterioso livro do teu ser / A mesma história tantas vezes lida / Ah! Podem voar mundos, morrer astros, / Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...

Espanca utiliza uma linguagem poética rica em simbolismos e metáforas para transmitir a profundidade dos sentimentos em *Fanatismo*. Desde os primeiros versos, somos transportados para a mente inquieta do eu lírico, que descreve sua alma perdida em sonhos e pensamentos sobre o objeto de sua devoção. A repetição do tema da busca incessante, aliada à metáfora do *Fanatismo*, cria uma atmosfera de intensidade e obsessão ao longo do poema. Espanca nos presenteia com um retrato vívido e comovente dos extremos do amor e da devoção, convidando-nos a refletir sobre os mistérios do coração humano. Esse poema, assim como a obra de Florbela como um todo, continua a emocionar e a inspirar leitores em todo o mundo, provando que a poesia tem o poder de transcender o tempo e as fronteiras.

2.3.3 FRÊMITO DO MEU CORPO A PROCURAR-TE

Esse poema inicia-se com uma forte expressão de desejo físico, intensificado por descrições sensoriais. À medida que o poema avança, o desejo se transforma em frustração, melancolia e dor, devido à ausência do ser amado. A distância emocional e a falta de reciprocidade são evidentes, culminando em uma imagem de isolamento e desespero. Espanca explora a dualidade entre a paixão ardente e a frieza da rejeição, criando uma tensão emocional que permeia o poema. Este é uma rica exploração do desejo, da dor e da rejeição amorosa. A combinação de uma estrutura lírica disciplinada com uma expressão emocional intensa faz com que o poema seja uma manifestação das complexidades do amor não correspondido. Tal contraste, entre a busca apaixonada e a inevitável sensação de incompletude, encontra eco nas palavras de Birman:

texto é recitado em orações e estudado por muçulmanos como guia espiritual e código de conduta. O Alcorão também desempenha um papel central na vida cultural e religiosa das comunidades islâmicas ao redor do mundo.

[...] indico que a feminilidade é a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito. Justamente por isso que o sujeito seria desejante. O que nos move no erotismo é a certeza de nossa incompletude, por um lado, e a crença na completude a ser oferecida pelo gozo, por outro. Contudo, como essa segunda possibilidade não se realiza nunca, sendo uma utopia, pois se na sua pontualidade o gozo como uma pequena morte nos faz crer momentaneamente que a fusão cósmica se realizou para o sujeito, logo no despertar a incompletude se apresenta novamente (Birman, 1999, p. 53-54).

Através de imagens vívidas e uma métrica fluida, Florbela consegue mimetizar a profundidade do sofrimento e da paixão, deixando uma duradoura impressão melancólica no leitor. No primeiro quarteto, Florbela nos transporta para um mundo de desejo físico avassalador. O “frêmito” do corpo é quase como um tremor de excitação e necessidade, enquanto a “febre” das mãos sugere uma urgência em tocar a pele do amado. O eu lírico não apenas sente essa necessidade, mas a vivencia com uma grande intensidade, transmitindo ao leitor toda a efervescência sinestésica. O uso de aromas como “âmbar, baunilha e mel” não é apenas um deleite sensorial, mas também evoca uma doçura que está fora de alcance, intensificando o “doído anseio” de um abraço que parece inalcançável. Esse desejo é palpável, quase doloroso, sublinhando a paixão e a saudade que marcam os versos. A busca incessante dos “olhos” pelos olhos do amado simboliza a tentativa desesperada de encontrar uma conexão perdida. A “sede de beijos” contrasta com o “amargor de fel”, indicando que a busca pelo amor é amarga e frustrante. A “fome estonteante” é descrita como “áspera e cruel”, sugerindo que o desejo não é apenas intenso, mas também doloroso e implacável.

De qualquer forma, o erotismo humano se funda no desamparo do sujeito e na feminilidade. Em decorrência disso tudo, devemos reconhecer que somos desamparados por vocação, pois é o nosso desamparo que nos remete permanentemente para o erotismo, num movimento infinitamente marcado pela circularidade (Birman, 1999, p. 54).

Não há alívio. Nada pode mitigar essa fome insaciável. Florbela capta a essência do amor não correspondido como uma tortura emocional contínua, uma fome que nunca pode ser satisfeita. Aqui, a distância física transforma-se em uma distância emocional. Ver o amado “tão longe” é uma metáfora para a falta de reciprocidade e intimidade. A imagem da “lagoa calma” sugere uma serenidade superficial, mas também uma separação profunda. É como se as almas estivessem próximas, mas sem a conexão apaixonada que o eu lírico anseia. O canto da lagoa que “não me amas” é um lamento doloroso, uma aceitação amarga de que o amor

não é correspondido. A serenidade da lagoa contrasta com o tumulto interno desse eu poético, sublinhando a dissonância entre a aparência e a realidade emocional.

No último terceto, Florbela oferece uma visão sombria e resignada. O coração “que tu não sentes” (Espanca, 2015, p. 136) é um símbolo de amor não correspondido, flutuando sem rumo “ao acaso das correntes” (Espanca, 2015, p. 136). A imagem do “esquife negro” sugere morte e luto, enquanto “um mar de chamas” evoca um sofrimento intenso e ardente. A combinação de morte e fogo cria uma poderosa metáfora para a devastação emocional. O amor não correspondido é descrito como um navio funerário navegando por um mar de dor, capturando a desesperança e o sofrimento profundo do eu lírico.

Essa combinação de elementos cria uma importante metáfora para descrever a devastação emocional provocada pela ausência de amor correspondido, em que cada onda ardente representa uma nova onda de dor e desespero. Assim, o poema avulta uma visão sombria e resignada da condição humana frente ao amor não correspondido, no qual o eu lírico se vê como um navegante solitário em um mar tempestuoso de suas próprias emoções despedaçadas, buscando um porto seguro que parece inalcançável. O vislumbre final não apenas encapsula a intensidade do sofrimento emocional, mas também a luta interior para encontrar sentido e esperança em meio à sua dor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visa fomentar a discussão e a quebra de “tabus” em relação a temas complexos, desenvolvidos através da poesia de Florbela Espanca, que, ligados ao feminino, eram e são vistos, até hoje, como algo impróprio. Objetiva a reflexão da importância da poeta portuguesa como uma figura emblemática que desafiou padrões de gênero e convenções sociais de sua época, e a importância de sua obra, que permitiu não apenas a expressão de sua subjetividade, mas também uma reflexão profunda sobre a condição feminina, a busca por identidade, o amor e a melancolia.

Nessa perspectiva, conclui-se que Espanca desafiou os costumes de sua época desenvolvendo uma escrita intensa e ousada, que explorava temas que eram considerados “tabus” na sociedade conservadora em que viveu. Não temeu a nada quando escreveu sobre o desejo, a solidão, a melancolia e a sexualidade feminina. Entretanto, isso fez com que a sociedade a enxergasse com “maus olhos”, pois além de sua obra, sua vida pessoal corrompia tudo aquilo que era imposto ao papel da mulher, que não era ser independente, buscar realizar

seus sonhos pessoais amorosos e profissionais, mas ser submissa a uma figura masculina e viver sua vida para servir a esse homem.

A destreza que Espanca demonstrou ao escrever tantas coisas que outras mulheres sentiam e vivenciavam mas eram silenciadas, fez surgir a reflexão sobre os temas que eram tratados e, principalmente, serviu para a eclosão de uma maior liberdade de expressão das mulheres.

Em sua obra, é comum que Florbela utilize diversas personas poéticas, as chamadas máscaras. Essas máscaras poéticas são exploradas de maneira que expressem diversas vozes líricas para demonstrar seus pensamentos mais íntimos e profundos e suas emoções. Através dessas máscaras ou personas, Florbela, brilhantemente, consegue conceber uma opulenta variedade de nuances, de maneira mais ampla, acerca dos temas que aborda. São essas máscaras poéticas que a permitem “mergulhar” mais profundamente nas diversas facetas da condição humana, mais especificamente, da condição feminina.

É possível analisar, na poesia de Florbela, como o estudo das distintas personas poéticas adotadas por ela enriquece a análise de sua obra como um todo, ao revelar, também, o seu papel como uma das vozes mais marcantes da literatura portuguesa e como uma importante percussora na luta pela liberdade de expressão artística, pela quebra de “tabus” e pela igualdade de gênero.

Sua escrita provocativa e sincera, de cunho confessional e melancólico, ressoa até os dias atuais, inspirando reflexões relativas ao lugar da mulher na sociedade e à luta contínua pela liberdade de expressão e exposição de temas polêmicos através da autoria de mulheres. Outrossim, tem o poder de convidar as mulheres a se conectarem com sua própria essência, encontrando eco para suas próprias vivências e emoções, rompendo padrões opressivos, ainda existentes, da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARROS, Eliana Luiza Santos. Os enigmas do dizer poético de Florbela Espanca. *Psicanálise & Barroco em Revista*, [S. l.], v. 8, n. 1, 2019. DOI: 10.9789/1679-9887.2010.v8i1.%p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8779>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DAL FARRA, Maria Lúcia; LEITE, Jonas; SILVA, Fábio Mário da. *Dicionário de Florbela Espanca*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

ESPANCA, Florbela. *Antologia poética de Florbela Espanca*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. 4ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

FERRO, António. Uma grande poetisa portuguesa. *Diário de Notícias*, Lisboa, 24 fev. 1931.

FREUD, Sigmund; SOUZA, Paulo César de. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JUNQUEIRA, Renata Soares. *Florbela Espanca: uma estética da teatralidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

JUNQUEIRA, Renata Soares. *Sob os sortilégios de Circe*. 1ª ed. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2022.

SENA, Jorge de. *Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa*. Porto: Biblioteca Fenianos, 1947.

SILVA, Elen Karla Sousa da. A poética de Florbela Espanca: um estudo do feminino. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 6, n. 9, 25 Jun. 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/3544>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVA, Elen Karla Sousa da. A representação feminina na obra poética de Florbela Espanca. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, 8(8), 2019. Recuperado de: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/3492>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SILVA, Fábio Mário da. *Da metacrítica à psicanálise: a angústia do “eu” lírico na poesia de Florbela Espanca*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Évora. Évora, 2008, p. 155.